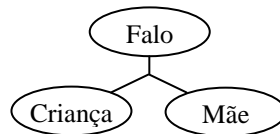


A Função Paterna

Antonia Claudete Amaral Livramento Prado
Psicóloga-Psicanalista, Diretora Clínica
do Instituto Trianon de Psicanálise

Introdução

Na relação original que a criança mantém com a mãe, a chamada fase pré-edipiana, é marcada pela *tríade imaginária*, onde a criança se coloca na posição de objeto imaginário que supriria o desejo da mãe, posição de engodo mantida por um desejo de desejo — desejo de ser o falo, objeto metonímico do desejo da mãe.



Tríade Imaginária

Aqui, Lacan coloca a questão: *o que está em jogo na fase pré-edipiana, e na borda do Édipo?*¹ E responde:

*que a criança assuma o falo como significante, e de uma maneira que faça dele instrumento da ordem simbólica das trocas.*²

Esta operação é fundamental para que o sujeito se constitua como um ser de linguagem, operação que é promovida pela intrusão do pai, como função mediadora na relação mãe-criança – o pai como representante da Lei no Outro, significante do Outro, o lugar da Lei.

Esse mecanismo foi definido por Lacan, em seu primeiro ensino, por *Metáfora Paterna*: operador lógico que substitui o desejo da mãe pelo *Nome-do-Pai*. O resultado dessa operação é a significação fálica, quer dizer: a criança, ao perceber que o desejo materno está relacionado à Lei do Pai, afasta-se do lugar de identificação ao falo – objeto de desejo da mãe, tida agora como castrada, e insere-se na ordem simbólica, dimensão que reorganiza o seu mundo, onde o falo adquire o estatuto de significante da falta.

Uma outra questão: *como é que tal função veio ao centro da organização simbólica?*³ Para dar conta dessa questão, Lacan desenvolve a notável formulação sobre o pai, em suas três dimensões: simbólica, imaginária e real.

¹ Lacan, J. *A relação de objeto*. Seminário IV, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1995, p. 204.

² *Ibidem*.

As três dimensões do pai no drama edípico

• **Pai simbólico** – introduzido pela mãe como nome: significante do seu desejo, significante da lei no Outro. A mãe adquire assim a condição de castrada, portadora de um lugar vazio que um homem irá ocupar.

O pai simbólico é um significante, não representado em lugar algum – é morto: não tem ser. E assim é conservado – nessa condição de morto, puro significante. Isso significa que ninguém poderá jamais responder desse lugar do pai simbólico.

O único que poderia responder absolutamente à posição do pai, na medida em que é o pai simbólico, é aquele que poderia dizer, como o Deus do monoteísmo: 'Eu sou aquele que sou'. Mas esta frase, que encontramos no texto sagrado, não pode ser literalmente pronunciada por ninguém⁴.

É exatamente aí que se engendra a consistência do pai simbólico, aquele que, enquanto ser, não se encontra *em parte alguma*, pois só existe no plano simbólico.

• **Pai Imaginário** – vem da criança, o pai ideal, o herói e ao mesmo tempo o rival, o pai da identificação. A criança reconhece esse pai como o criador, a ele ela deve o que é, e o que não é. Com ele estabelece uma relação de amor e ódio, *amódio* (neologismo utilizado por Lacan para condensar amor e ódio): a criança ama esse pai pelo que ela é, e o odeia pelo que ela não é. Como consequência, desilusão e luto tomam o lugar desse pai-herói.

• **Pai Real** – o agente da castração. Esse pai é o suporte do luto, aparece em um momento qualquer para preencher uma função: *vivificar a relação imaginária e lhe dar uma nova dimensão*.⁵ O pai real insere a castração sobre o objeto imaginário, introduz um não-saber sobre o desejo da mãe. É simplesmente o homem de uma mulher, o não-herói.

***O que está em questão, afinal, no Édipo?*⁶**

Esta questão leva Lacan ao entendimento de que a estratégia do Édipo é conduzir a captura do sujeito no engodo, condição necessária para o passo seguinte: que se constitui como sendo

*o centro de toda a problemática do Édipo: que o sujeito atinja a heterossexualidade de forma tal que se situe corretamente com referência à função do pai.*⁷

É necessário, então, que o sujeito seja capturado no engodo para ascender à nova ordem de dimensão simbólica, na qual ele fará a sua escolha de objeto, escolha que deve ser heterossexual, masculina ou feminina.

Posição feminina - na saída do Édipo, a escolha da posição feminina leva o sujeito feminino a suprimir a falta de falo na mãe no pênis real do pai, considerado como um equivalente do falo imaginário. Daí decorre a fixação da menina pelo pai, inicialmente como objeto de amor e depois como objeto de satisfação, aquele que tem o pênis, responsável pela

³ Ibidem, p. 205.

⁴ Ibidem, p. 215.

⁵ Ibidem.

⁶ Ibidem, p. 205.

⁷ Ibidem, p. 206.

procriação. Futuramente, o pai será substituído por um outro que fará esse papel – dando-lhe um filho.

Posição Masculina - quanto ao menino, o Édipo opera no sentido de levá-lo a identificar-se com o próprio sexo, a partir de sua relação com o pai, visto como ideal. Mas, diz Lacan:

*não é este o verdadeiro objetivo do Édipo, que é a justa situação do sujeito com referência à função do pai, isto é, que ele próprio aceda um dia a essa posição tão problemática e paradoxal de ser um pai.*⁸

Ser um pai

Freud se baseia no mito do assassinato do Pai (Totem e Tabu, 1913), para falar sobre o que é ser um pai. Segundo o mito, houve o *Pai Primordial* que detinha o gozo sobre todas as mulheres da respectiva comunidade totêmica, e a partir dele foi instituída a Lei do Incesto proibindo aos filhos a posse de qualquer dessas mulheres – propriedades do Pai.

Lacan deriva da mitologia para a lógica – o pai é um operador lógico, um significante, uma função – que pode ser exercida pelo pai biológico ou qualquer outra pessoa introduzida pela mãe na relação imaginária entre ela e a criança.

Tanto em Freud como em Lacan, a paternidade não tem referência natural, mas sim social. Diferentemente da maternidade, que é de natureza sensível, a paternidade é um fato cultural, o pai aparece na vida do sujeito pela fala da mãe que assim o nomeia, nomeação esta que marca a entrada em cena da *Função Paterna* (função no sentido matemático, de relação entre elementos), cuja finalidade central é introduzir a Lei que permite à criança sair da posição de objeto e assumir a posição de sujeito desejante, condição necessária para chegar a ser *um pai*.

Sobre a castração

Signo do drama do Édipo – o pivô do drama – a castração é operada pela intervenção do Pai Real na relação mãe-criança, processo que conduz à constituição do sujeito. Lacan, tomando essa operação como *ponto de partida*, formula a castração como sendo *a apreensão, no real, da ausência de pênis na mulher*⁹, apreensão crucial para o menino, pois é elemento condensador da angústia de privação.

A privação não se dá no plano real, mas no objeto simbólico, que, por sua vez, vem do real, por uma razão lógica: dizer que algo não está implica na sua possível presença. O objeto da privação – objeto simbolizado – nada mais é do que o pênis em *estado simbólico*, transformação feita pelo menino.

Lacan, reafirmando Freud, diz que o sujeito só atinge a maturidade genital se passar pela castração, e problematiza essa necessidade:

⁸ Ibidem, p. 209.

⁹ Ibidem, p. 223.

Por que essa forma bizarra de intervenção na economia do sujeito? [...] isso tem algo de chocante em si mesmo – é-nos oferecido um recurso que devemos recusar¹⁰.

Significação e necessidade do complexo de castração

Para falar sobre a significação e a necessidade do complexo de castração, Lacan se utiliza do caso do Pequeno Hans, um menino que, aos quatro anos e meio desenvolve uma fobia de cavalos – uma neurose. Como diz Lacan, é uma criança que *nada em felicidade*: filho único, tem o amor e a atenção do pai; goza dos cuidados ternos da mãe, que lhe faz todas as vontades e não lhe impõe qualquer limite. Todas as manhãs a mãe o recebe na cama do casal, apesar das reprovações do marido – que não são levadas em conta, mas tolera pelo fato de não poder ter esse controle. Hans não é frustrado nem privado de nada. Um dia seu pênis se agita – a mãe lhe proíbe a masturbação proferindo as ‘palavras fatais’: – *se você se masturbar, vamos chamar o Dr. A. para te cortar isso*. A criança demonstra não ligar para essa advertência e continua com a prática da masturbação.

Lacan afirma, assim como Freud, que a fobia do Pequeno Hans não pode ser ligada diretamente à *interdição da masturbação*. Nesse momento nenhuma angústia aparece, o menino prossegue se masturbando e a relação imaginária tapeadora com a mãe é mantida. Ele traz prazer à mãe, colocando-se como objeto do seu desejo, preenchendo aquilo que lhe falta (e ele sabe disso pela demanda da mãe): o falo, objeto pivô, que organiza o mundo da criança, objeto que ocupa as suas fantasias o tempo todo, e que Hans manifesta por meio das insistentes perguntas que faz sobre *a presença do falo na mãe, depois no pai, depois nos animais. Só se fala de falo*.¹¹ O falo está em todos os lugares, e em nenhum lugar.

Aparecimento da Angústia

A interdição do ato masturbatório não tem, então, um efeito imediato e direto no aparecimento da angústia de Hans, mas faz parte do seguinte processo que irá culminar mais tarde na fobia de Hans: a) inicialmente, seu pênis começa a se agitar, torna-se real; b) ele passa a se masturbar; c) e se angustia porque não pode mais parar. Isso leva à concepção de que há uma relação entre a ‘irrupção do pênis real’ e o ‘aparecimento da angústia’.

Sobre a angústia, pergunta-se Lacan: *como devemos concebê-la?* Ao que responde:

*O mais próximo possível do fenômeno [agitação do pênis real];
É correlativa do momento em que o sujeito está suspenso...
deslocado de sua existência, e onde se percebe como estando
prestes a ser capturado por alguma coisa [...] imagem do
outro, tentação.*¹²

O caso desse menino mostra que a angústia vem antes da fobia, e dela se diferencia. Essa constatação desperta a seguinte questão: qual é, então, a relação entre angústia e fobia?

¹⁰ Ibidem, p. 226

¹¹ Ibidem, p. 231.

¹² Ibidem.

Em relação à angústia, ensina Lacan:

*A angústia não é o medo de um objeto. A angústia é o confronto do sujeito com a ausência de objeto, onde ele é apanhado, onde se perde, e a que tudo é preferível, inclusive forjar o mais estranho e o menos objetual dos objetos, o de uma fobia.*¹³

Quanto à fobia: é aquilo que suporta a angústia, o indicador da presença do desejo do Outro, apelo à função paterna.

Lacan, retomando Freud, fala em duas ordens da angústia:

- Angústia em torno do pai (*um den Vater*): em torno do lugar vazio – interno – representado pelo pai, pela *Função do Pai*.
- Angústia diante do pai (*von den Vater*): diante de um objeto externo que sustenta aquela angústia, em torno da *Função do Pai*. Nota-se aqui que o objeto fóbico é um objeto organizador, na medida em que propicia um lugar de encontro entre o gozo e o desejo.

Angústia de castração

Entre o jogo imaginário com a mãe (jogo do engodo fálico) e a pulsão real, instala-se um conflito promovido pela ordem simbólica, pela lei, pela intervenção do Pai. A saída possível desse conflito é pela via da castração. Hans percorreu esse caminho, angustiou-se, desenvolveu a fobia de cavalo-que-morde.

Uma questão se impõe: como, de uma relação feliz, a criança passa para a fobia? Em resposta a essa questão, indica Lacan, que a criança, como um todo, metonímia do desejo de falo da mãe, quando começa a existir como real, é desalojada desse lugar pela mãe, fica, então, no desamparo de não mais bastar à mãe, e se refugia, pela regressão, em uma etapa anterior, a de ser devorada pela mãe, metaforizada no cavalo-que-morde – um significante que cumpre duas funções: a) afastar e aproximar, ao mesmo tempo, o sujeito do objeto *causa-de-desejo*; b) ser um instrumento a serviço do fracasso do Pai da Lei, e oferecer um lugar junto ao pai do desejo.

A saída da tensão fóbica é pela castração. Lacan fala da fobia como uma placa giratória, que leva a uma solução estrutural neurótica, em duas direções: histeria ou obsessão.

Referências Bibliográficas

- Freud, S., *Totem e Tabu*. Obras Completas, Ed. Standard, Vol. XIII, Rio de Janeiro, Imago Ed., 1969.
- Julien, P., *O Manto de Noé - Ensaio Sobre a Paternidade*. Rio de Janeiro, Revinter Ed., 1997.
- Lacadée, P., *O pai, do mito ao sintoma: montar a cavalo sobre o nome-do-pai*. Revista Curinga, Nº. 22, Junho de 2006.
- Lacan, J., *A Relação de Objeto*. Seminário IV, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1995.
- Leite, M.P.S., *Psicanálise Lacaniana - Cinco Seminários para Analistas Lacanianos*. São Paulo, Iluminuras Ed., 2000.

¹³ Ibidem, p. 353.